

# Circular 8

- Faculdade de Ciências de Lisboa



25-3-71 102

boletim interno dos colaboradores da a.e.f.c.l.

## SEMINÁRIO INTERNO: TRABALHO SINDICAL

### Introdução

Um dos pontos que mais controvérsia tem levantado, na actuação sindical das AAEE é a definição de um verdadeiro trabalho de massas. A "pura acção de gabinete" com o consequente isolamento do geral dos estudantes, e prosseguimento inconsistente dos processos, é uma prática que tem de ser combatida constantemente. No meio estudantil a orientação e os métodos adoptados para abranger a grande massa dos estudantes desprovida de bases que lhe permitam uma crítica ao seu meio social, necessitam de cuidadosa discussão e correção no decorrer da sua consumação prática.

A documentação reunida a seguir, embora escassa, pode ser o início para uma discussão sobre este problema a realizar na sessão de sexta-feira do Seminário.

### Algumas considerações sobre o trabalho de massas

Uma associação de estudantes como organismo de massas que é deve desenvolver uma actividade tendente a enquadrar progressivamente o maior número possível de estudantes proporcionando-lhe uma formação que lhes permita uma mais fácil consciencialização dos problemas que como estudante e como indivíduo de uma determinada sociedade vai ter de defrontar.

O trabalho a realizar deve ser feito: 1º Em função de objectivos comuns a todos os estudantes, procurando nas reivindicações pedagógicas um meio para atingir níveis superiores de análise; 2º Procurando alcançar a participação de crescente número de estudantes, através de uma crítica constante dos métodos utilizados; 3º Consolidação progressiva da sua participação em futuras acções. De modo algum a actuação deve visar apenas as camadas mais politizadas, que por constituírem a minoria, acabam por se isolar do grosso dos estudantes e tornar-se uma "élite" cujo papel, na prática, é pouco significativo. Isto deve estar presente quando se elabora qualquer plano de trabalho nos diversos ramos: pedagógico, pedagógico-cultural, cultural e informativo.

A partir das limitações erros e vícios havidos com o trabalho sindical das AAEE, determinados intelectualóides concluem pouco ou nada de bom para os estudantes pode ser feito pelas AAEE (sindicatos estudantis); que, quando muito estas valem pelo seu aparelho técnico.

Da mesma forma, a partir dos erros vícios e oportunismos na orientação dos processos pedagógicos reivindicativos (de carácter limitado), concluem que todo o processo limitado de índole reformista, não merece a preocupação dos elementos estudantis mais conscientes, que se devem ocupar com coisas mais avançadas, que não sejam "recuperados pelo sistema"; mais, preocupar-se com tais "processos reformistas" não seria mais que "fazer o jogo do sistema"!

Que propõe de concreto este grupo?

- Em primeiro lugar e acima de tudo "nunca fazer o jogo do sistema" - isto é, como os sindicatos são legais, e portanto "enquadrados" pelo "sistema", não fazer trabalho sindical, que é trabalho "reformista".

- Depois e em substituição, "diluir nas massas" os elementos mais conscientes, que deveriam fazer um trabalho (e só esse trabalho) que levasse a "choques super estruturais" e a "situações de rotura" com o "sistema".

- Finalmente a laia de "novas formas de actuação", impregnação do "método dialético" nas massas, que os levariam a compreender as contradições da sociedade capitalista; passando pelo "quotidiano" das alienações (ou a alienação no "quotidiano"...), que

seriam contestadas "quotidianamente"...

- "Compreensão por nós, estudantes, através do quotidiano e não de conjunturas esporádicas, sem consistência na base, da situação económica do sistema capitalista em Portugal".

Tal tipo de trabalho, na situação actual da "massa estudantil da Faculdade nunca poderia passar além da mobilização de uma estreita "orla" de estudantes mais próximos da Associação, mais politizados, os únicos susceptíveis de se interessarem e de serem atingidos por esse tipo de movimentação.

A recusa em ocupar-se dos processos "reformistas" vem como agravante do fracasso da orientação preconizada. Pois se amplas massas estudantis da Faculdade estão ainda apegadas a processos reformistas, mais uma razão para estar presente neles a perspectiva de diminuir os efeitos negativos e a salientar os positivos.

No trabalho cultural, sem dúvida presentemente o mais difícil de conseguir a participação de grande número de estudantes, existem posições que podem dar origem a uma sequência errada de trabalho. As seguintes considerações indicam que se pode por vezes confundir um trabalho de massas na sua verdadeira acepção.

-1ª posição:

O trabalho cultural será um trabalho de massas ou de elites, em função de "para quem é feito", de "quem o faz" e "quem efectivamente o recebe", ou seja, se é dirigido para um número grande ou para um número restrito de pessoas, qual o conteúdo do trabalho, e quem participa nele.

Num sindicato o trabalho a desenvolver terá de englobar um grande número de pessoas, e portanto qualquer secção sua só terá significado se desenvolver um trabalho de massas. No entanto, se um trabalho de massas exigir que se faça previamente um trabalho de elites, faça-se esse trabalho de elites... não há-de ser um subjectivismo metafísico que vai decidir que não se faça trabalho dum grupo restrito de pessoas. Exemplo: A comissão de curso na preparação duma mesa-redonda é um trabalho de elites; mas não um trabalho de massas para as movimentar, e prepará-las para futuras discussões culturais.

-2ª posição:

Admite que o trabalho de elites é um trabalho feito por um número de pessoas dentro da massa e dirigido para esse mesmo grupo.

Recordando o que se fez em 1968, o trabalho associativo não foi um trabalho de massas pois levaram os estudantes a reagirem emotivamente sem existir da parte desses estudantes uma consciencialização dos problemas que lhes dizem directamente respeito. Por exemplo a manifestação de 1968 que se realizou no Campo Grande apesar de ter mobilizado uma grande massa de estudantes não quis dizer que tivesse existido um trabalho de massas, pois essa maioria reagiu mais por emotividade que por ter consciência real dos problemas que se estavam a passar. Quanto ao trabalho das próprias Associações, admite que trabalho pedagógico deve ser, não um fim mas um meio de perspectivação dos estudantes quanto ao meio que o rodeia.

Este trabalho pedagógico deve ser feito simultaneamente com o trabalho cultural e pedagógico-cultural. No entanto muitas vezes, por falta de disponibilidades é feito por fases. Muitas vezes o trabalho de massas transforma-se em trabalho de elites por deficiência de discussão (palavras bonitas), por serem sempre as mesmas pessoas ou por a escolha do tema não ser conveniente pois não coincide com os interesses directos dos estudantes naquele momento. Como exemplo de que, quando não existe simultaneamente um trabalho pedagógico com um pedagógico-cultural é um fracasso, tem-se o caso dos cursos livres de matemática; inicialmente estes começaram a ser um trabalho de massas, mas o que realmente se verifica agora é que houve uma grande diminuição do número de pessoas que o frequentam. A causa dessa diminuição foi o facto da comissão de curso se debruçar sobre assuntos culturais que não levou até ao curso, por não ter visto qual o tema conveniente que permitisse a perspectivação correcta dos cursos livres.

A nível de informativas era indispensável desenvolver diariamente um trabalho que promovesse a efectiva unidade de todos os estudantes nas diversas situações que se lhes deparam. Unidade essa realizada por duas formas:

1ª - Na sua função informativa que mantenha qualquer estudante convenientemente elucidado sobre o que se passa nas outras escolas, e permita também ao estudante estar sobre

o acontecimento

2a - Na sua função formativa, fazendo uma análise sempre que possível correcta dos acontecimentos que vão surgindo, sem perder de vista as grandes coordenadas do movimento estudantil em geral.

Dadas as características de movimentação de massas, o suporte da efectivação desta característica é a Imprensa estudantil. Como poderiam os estudantes erguerem-se em massa em torno de objectivos gerais, se não apercebendo-se que todo o género de problemas resultantes da sua situação de estudantes com os quais travam luta constantemente, passo a passo, são no fim de contas semelhantes aos de todos os outros estudantes, pela sua origem comum, por todos terem raiz na relação entre a Universidade e o tipo de sociedade que a criou? E como podem os estudantes adquirir esta consciência e lançar ombros a uma prática consequente com esta consciência, ou seja, uma luta colectiva, de massa, de todos os estudantes, se não forem informados sobre os problemas com que os outros estudantes, na própria escola ou noutras, no próprio país ou noutros (em que a relação referida é semelhante), travam a sua luta diária? Se não tiverem, enfim, a possibilidade de verificar frequentemente essa semelhança pela raiz comum, entre as deficiências que têm pela frente e as que os outros combatem?

Essa possibilidade, fornece-a a Imprensa estudantil criada pelos estudantes.

